

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

A ABORDAGEM STORYLINE NO ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA¹ **THE STORYLINE APPROACH TO ENGLISH LANGUAGE TEACHING AND LEARNING**

Jamile Tábata Balestrin Konageski², Maria Cristina Pansera De Araújo³

¹ Parte da pesquisa de mestrado em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da UNIJUI (2016/2017).

² Graduada em Letras ? Língua Inglesa e Mestranda em Educação nas Ciências/ UNIJUI ?
jamilek_moon@hotmail.com

³ Professora Doutora do DCVida ? Departamento de Ciências da Vida e do PPG em Educação nas Ciências/ UNIJUI- pansera@unijui.edu.br

RESUMO

Este estudo tem como objetivo investigar as possibilidades e os desafios da Abordagem narrativa Storyline (Cresswell, 2007; Bell, 1998) no ensino e aprendizagem de Língua Inglesa no atual cenário brasileiro, bem como, refletir sobre a inclusão do ensino de Língua Inglesa como Língua Estrangeira Moderna no currículo da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental das escolas públicas. Trata-se de um estudo bibliográfico, de abordagem qualitativa (Lüdke e André, 1986). O aporte teórico-metodológico compreende os pressupostos da Abordagem Storyline (Bell, 1998; Cresswell, 2007); as teorias de currículo e suas implicações (Silva, 2015), e a perspectiva histórico-cultural (Vigotski, 1998). A Abordagem Storyline implica no ensino e aprendizagem de uma Língua Estrangeira na construção de uma narrativa, possibilitando o desenvolvimento do pensamento crítico-reflexivo dos aprendizes, da autonomia e protagonismo no seu processo de aprendizagem. As reflexões propostas evidenciam também, a necessidade de (re)pensarmos em políticas linguísticas/ públicas que possam construir relações mais igualitárias na sociedade.

Palavras-chave: Língua Estrangeira; Currículo; Língua Inglesa; Narrativa.

ABSTRACT

This study aims to investigate the possibilities and challenges of the Storyline Approach (Cresswell, 2007; Bell, 1998) in English language learning and teaching in the current Brazilian context, as well as to reflect about the inclusion of English as a Foreign Modern Language in the curriculum of public education in Preschool and Elementary School. This is a bibliographic study, with a qualitative approach (Lüdke and André, 1986). The theoretical-methodological contribution is based on the assumptions of the Storyline Approach (Bell, 1998; Cresswell, 2007); the curriculum theories and their implications (Silva, 2015), and the historical-cultural perspective (Vigotski, 1998). The Storyline Approach presupposes in the foreign language teaching and

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

learning the construction of a narrative, allowing the development of critical-reflexive thinking by the learners, autonomy and a protagonist role in their learning process. The proposed reflections also highlight the need to (re) think of linguistic / public policies that can build egalitarian relations in the society.

Keywords: Foreign Language; Curriculum; English language; Narrative.

Introdução

Os constantes desafios da sociedade contemporânea, marcados pela globalização e pela atual era digital, promovem a necessidade de reflexão sobre a inclusão do ensino de língua inglesa (LI) na fase inicial da escolarização formal, bem como a necessidade de (re)pensarmos em políticas linguísticas/ públicas que possam construir relações mais igualitárias na sociedade. A hegemonia da Língua Inglesa no cenário mundial, reflete o que Santos (2002) argumenta “nas condições atuais, tudo o que se refere às ações hegemônicas na vida econômica, política e cultural parece se dizer em inglês”. (Santos, 2002, p. 109), sendo assim, um importante meio de comunicação internacional, e principal idioma global. É preciso que o currículo escolar e os conhecimentos adquiridos nas disciplinas escolares sejam o imperativo do processo de transformação da vida dos sujeitos na esfera local e global, em especial dos estudantes da rede pública, possibilitando o acesso a um conhecimento libertário e emancipatório.

Partindo da concepção de linguagem (Vygotsky, 1998) como inter(ação), enquanto atividade humana e prática social, determinada cultural e historicamente, acreditamos que a aprendizagem de um língua estrangeira (LE) na infância, contribui significativamente na constituição global dos sujeitos, pois é a partir da relação (interação) com o outro por meio da linguagem que o homem se constitui em um ser sócio-histórico-cultural e constrói conhecimentos (Vygotsky, 1998 apud Guimarães, 2015, p. 33).

Diversos autores (King e Mackey, 2007; Barcelos e Abrahão, 2006; Lennenberg, 1967; e, Cameron, 2001) destacam a relevância da aproximação formal com uma Língua Estrangeira na infância e sugerem que quanto mais cedo a criança iniciar a aprendizagem de uma Língua Estrangeira, mais habilidades e conhecimentos terá para tornar-se proficiente linguisticamente. O ensino da língua inglesa deve respeitar as especificidades da faixa etária dos aprendizes. Para tanto, é importante discutir, dentre vários outros aspectos, as abordagens adotadas pelos professores nas aulas de Língua Inglesa para crianças bem como sua ausência no currículo da educação infantil e dos anos iniciais das escolas públicas, uma vez que nas escolas particulares já é efetiva sua inserção.

Sob este viés, buscamos refletir sobre o ensino e a aprendizagem da Língua Inglesa em uma perspectiva que possibilite ouvir as vozes das crianças durante o processo de construção de seus saberes,

“(...) ouvir as crianças no plano pedagógico significa que os saberes escoados não advêm apenas

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

dos saberes instituídos pelo currículo oficial, mas podem ser construídos nos saberes instituídos nas relações dos adultos com as crianças, na construção do conhecimento.” (SARMENTO, 2004, p. 9).”

Dessa forma, pretendemos investigar as possibilidades e os desafios da abordagem narrativa Storyline (Cresswell, 2007; Bell, 1998) no atual cenário de ensino de línguas estrangeiras no Brasil.

Metodologia

Trata-se de um estudo bibliográfico, de abordagem qualitativa (Lüdke e André, 1986). O aporte teórico-metodológico desta escrita compreende os pressupostos da Abordagem Storyline para o ensino e aprendizagem de Línguas Estrangeiras (Bell, 1998; Cresswell, 2007); as teorias de currículo e suas implicações (Silva, 2015), e a perspectiva histórico-cultural (Vigotski, 1998).

As reflexões e questionamentos vem ao encontro da investigação teórica-empírica, no transcurso de processo formativo, na condição de Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Unijuí (2016-2017).

Resultados e Discussões

Consideramos como ponto de partida a problematização sobre o lugar da Língua Estrangeira Moderna (LEM) no currículo escolar, em especial da Língua Inglesa e sua ausência no currículo da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, na educação pública brasileira.

O currículo escolar define os saberes/ conhecimentos a serem ensinados na escola, organiza as aprendizagens e implica na formação e na constituição dos sujeitos. As teorias críticas e pós-críticas, preconizam um currículo libertário e emancipatório, superando a perspectiva de um ensino/ conhecimento técnico, por meio da ação na práxis, em que a centralidade está nas relações entre conhecimento, ideologia e poder. Ambas teorias buscam compreender a origem de determinados conhecimentos, subjetividades e identidades em detrimento de outros presentes no currículo. Segundo Moreira et al (1994):

“O currículo está implicado em relações de poder, o currículo transmite visões sociais particulares e interessadas, o currículo produz identidades individuais e sociais particulares. O currículo não é elemento transcendente e atemporal - ele tem uma história, vinculada a formas específicas e contingentes de organização da sociedade e da educação.” (MOREIRA et al, 1994, p. 8)

O ensino de LE no Brasil é orientado pelos documentos oficiais: Diretrizes Curriculares Nacionais (Brasil, 2013) e pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 2002), e Orientações Educacionais Complementares - PCN+ (Brasil, 2002), que definem a política linguística de ensino, na medida em que regulamentam a sua inserção no currículo escolar. A obrigatoriedade do ensino

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

de uma LE na educação pública brasileira (LDB 9.394/1996) ocorre a partir do 6º Ano do Ensino Fundamental. Rajagopalan (2003, p. 56) adverte que “o conhecimento das políticas linguísticas é fator crucial para melhor entender, lidar e ensinar as línguas que fazem parte do nosso contexto.”

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) preconiza que o ensino de Língua Inglesa(LI) na educação básica deve compreender a sala de aula como um espaço social, que cria significados, na medida em que amplia a percepção de mundo, de interculturalidade, tornando o sujeito-aluno autônomo e crítico, visando a sua emancipação, nesse sentido, o currículo segundo Silva (2015),

“envolve a construção de significados e valores culturais. O currículo não está simplesmente envolvido com a transmissão de “fatos” e conhecimentos “objetivos”. O currículo é um lugar onde, ativamente, se produzem e se criam significados sociais.” (SILVA, p. 55).

Sob esse viés, torna-se tão necessária a problematização sobre a disciplina de LI, no currículo escolar e a sua inserção desde a fase inicial de escolarização, Goodson (2004) argumenta que uma disciplina escolar

“não é a decorrência de uma simplificação de conhecimentos a nível superior para o nível escolar. A disciplina escolar é construída social e politicamente nas instituições escolares, para atender a finalidades sociais da educação. Essa construção é desenvolvida em meio a relações de poder, de maneira que os autores envolvidos, formadores da comunidade disciplinar, empregam recursos ideológicos e materiais para desenvolverem suas missões individuais e coletivas. O debate curricular pode ser, então, interpretado em termos de conflito por status, recursos e território entre as disciplinas.” (LOPES e MACEDO, 2011, p. 119)

Nesta perspectiva, é papel do professor proporcionar um ambiente de ensino, onde o aluno possa ser autônomo e protagonista de sua aprendizagem, pois o ensino comunicativo, segundo Almeida Filho (2008):

“(…) é aquele que organiza as experiências de aprender em termos de atividades/tarefas de real interesse e/ou necessidade do aluno para que ele se capacite a usar a língua-alvo para realizar ações de verdade na interação com outros falantes-usuários dessa língua.” (ALMEIDA FILHO, 2008, p.47)

Nos últimos anos, Almeida Filho (2008) e Leffa (2001) apontam para o papel dos professores de LE nas escolhas didáticas e metodológicas adequadas ao contexto e objetivos de ensino, conforme as necessidades dos aprendizes, para que possam aprender de forma significativa, por meio de práticas sociais e da competência linguística.

Conforme Santos (2003), as abordagens de ensino e aprendizagem de LE procuram compreender o fenômeno educativo através das mais diversas perspectivas, relacionados com o momento histórico social em que estão inseridas e concebidas. Para além de teorias sobre a natureza da linguagem e da aprendizagem, Richards e Rodgers (2001) postulam que, as abordagens são o princípio fundamental das práticas educacionais no ensino de línguas, pois orientam o processo de ensino e aprendizagem. Almeida Filho (2002) determina abordagem como o “conjunto de

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

disposições de que o professor dispõe para orientar todas as ações da operação global de ensinar uma língua estrangeira. A operação global do ensino de uma língua estrangeira compreende o planejamento de cursos e suas unidades, produção ou seleção criteriosa de materiais, a escolha e construção de procedimentos para experiência a língua-alvo e as maneiras de avaliar o desempenho dos participantes. A abordagem é uma filosofia de trabalho, um conjunto de pressupostos explicitados, princípios estabilizados ou mesmo crenças intuitivas quanto à natureza da linguagem humana, de uma língua estrangeira em particular, de aprender e de ensinar línguas, da sala de aula de línguas e de papéis de aluno e do professor de uma outra língua.” (ALMEIDA FILHO, 2002, p. 13).

Segundo Brandford e Harder (2006), a preocupação com o ensino de línguas estrangeiras e a promoção da diversidade linguísticas, tem sido pauta de inúmeras discussões promovidas pela comunidade europeia ao longo dos últimos anos, promovendo e incentivando diferentes métodos de ensino e aprendizagem inovadores e interativos.

A abordagem Storyline foi desenvolvida em Glasgow, na Escócia em resposta ao Scottish Primary Education Report (1966), que recomendou uma abordagem de ensino holística para os componentes curriculares de história, geografia, matemática e ciências. Na Storyline, pressupõe-se o desenvolvimento de habilidades e aprendizagem de saberes curriculares de diferentes áreas do conhecimento, não só na área das linguagens (Bell, 1998). A Storyline prioriza o papel ativo do educando no processo de construção do conhecimento, pela motivação individual na criação de uma história, em que se organizam os conteúdos escolares em unidades temáticas interdisciplinares.

A motivação é um fator determinante na Storyline. Krashen (1987) desenvolveu teorias significativas a respeito da aprendizagem de LE na infância, dentre elas a Teoria do Filtro Afetivo, que é parte do processo interno de aprendizagem, com base nos estados emocionais da criança. Esse filtro define como os modelos serão aprendidos, a velocidade da aprendizagem, bem como regula a ordem de prioridade das coisas a serem aprendidas. Dessa forma, o Filtro Afetivo pode facilitar ou dificultar a aprendizagem de uma LE. Para Krashen, aprendizes motivados, confiantes e com baixa ansiedade (baixo filtro afetivo) tendem a ser bem sucedidos no processo de aquisição de uma LE.

Segundo Fehse e Kocher (2002) a construção de uma Storyline incentiva tanto professores como alunos a participarem de um processo de aprendizagem muito mais aberto, mais criativo e menos previsível do que o ensino tradicional de línguas estrangeiras baseado em livros didáticos. Na abordagem Storyline, são desenvolvidas as habilidades necessárias para a proficiência não só em uma Língua Estrangeira Moderna, mas também, nos conteúdos do currículo escolar, a interdisciplinariedade, e as características do contexto local em que o educando está inserido.

A abordagem Storyline apresenta as seguintes características segundo (Pachler e Field, 2001):

- a) é interdisciplinar e incentiva o uso das TIC's;
- b) proporciona um contexto comunicativo para a aprendizagem de uma LEM;

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

- c) é planejado e direcionado pelo professor (autonomia);
- d) considera os interesses, motivações, criatividade e imaginação dos alunos como um recurso significativo;
- e) implica aos aprendizes criar material estimulante para futuras aprendizagens e práticas educativas;
- f) desenvolve habilidades de aluno-pesquisador necessárias para a aprendizagem autônoma de LE;
- g) considera as características e habilidades individuais dos aprendizes;
- h) valoriza o conhecimento prévio e existente dos aprendizes;
- i) cria oportunidades para que os aprendizes tenham iniciativa;
- j) é flexível e pode ser usada em qualquer período ou tópico;
- k) contribui para o desenvolvimento social dos alunos como futuros cidadãos, pertencentes a uma sociedade multicultural;
- l) oferece oportunidades de feedbacks diferenciados aos professores podendo fazer parte do processo de avaliação.

Em um projeto Storyline é apresentado um contexto com personagens localizados em um tempo e espaço (Setting), com uma sequência de episódios relacionados entre si, e um momento surpresa (Incident). Dessa forma, constrói-se, uma sequência de ações, ou seja, uma Storyline. O professor tem papel fundamental na orientação das atividades, buscando a interação de cada personagem/história criada pelos alunos, com o conteúdo, o vocabulário, e as habilidades da Língua Alvo a serem desenvolvidas.

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

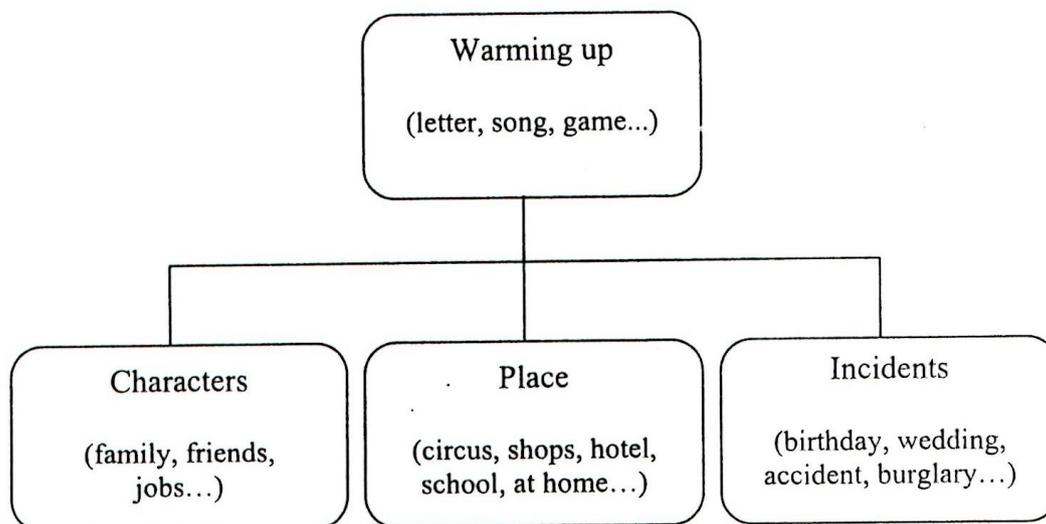


Figura 1: A estrutura básica de uma Storyline (Brandford e Harder ,2006. p.19)

O planejamento de um Storyline envolve, de acordo com Brandford e Harder (2006):

1. Escolher um tema: Isso é definido pelas necessidades e interesses dos alunos, relevância social, conteúdos/ conceitos curriculares e, oportunidades interdisciplinares.
2. Decidir as possíveis seqüências da SL: início, meio, incidente e conclusão.
3. Definir uma introdução: mensagem de texto, história, carta, cartão-postal, vídeo clip, música, jogo e etc.
4. Definir os objetivos de ensino e os resultados esperados da aprendizagem: definir questões-chave que desenvolverão a seqüência da SL e incentivar atividades para reforcem o desenvolvimento das quatro habilidades da língua. Deve-se iniciar com perguntas simples e depois mais complexas, por exemplo: quando? Onde? O que? Para depois: Como? Por quê?
5. Organizar recursos: material autêntico e acessível, artefatos, dicionários, internet, revistas, catálogos, jornais, dicionários, folhas de vocabulário, personagens recortados / revistas com celebridades, trabalhos de alunos etc.
6. Verificar a aprendizagem dos alunos e identificar as próximas etapas na aprendizagem: atividades avaliativas de leitura, escrita, compreensão auditiva e oralidade; avaliações em duplas; apresentações (escritas e orais); pesquisas na Internet; biografias; cartazes; formulários; relatórios e etc.
7. Avaliar: Criar uma Storyline fez diferença no ensino e na aprendizagem? Que competências

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

comunicativas foram melhoradas? Como eu avalio? Indicadores: maior confiança e motivação ao realizar as atividades: perseverança dos alunos na sua realização; o feedback dos alunos é o ponto de partida de futuros planejamentos Storyline.

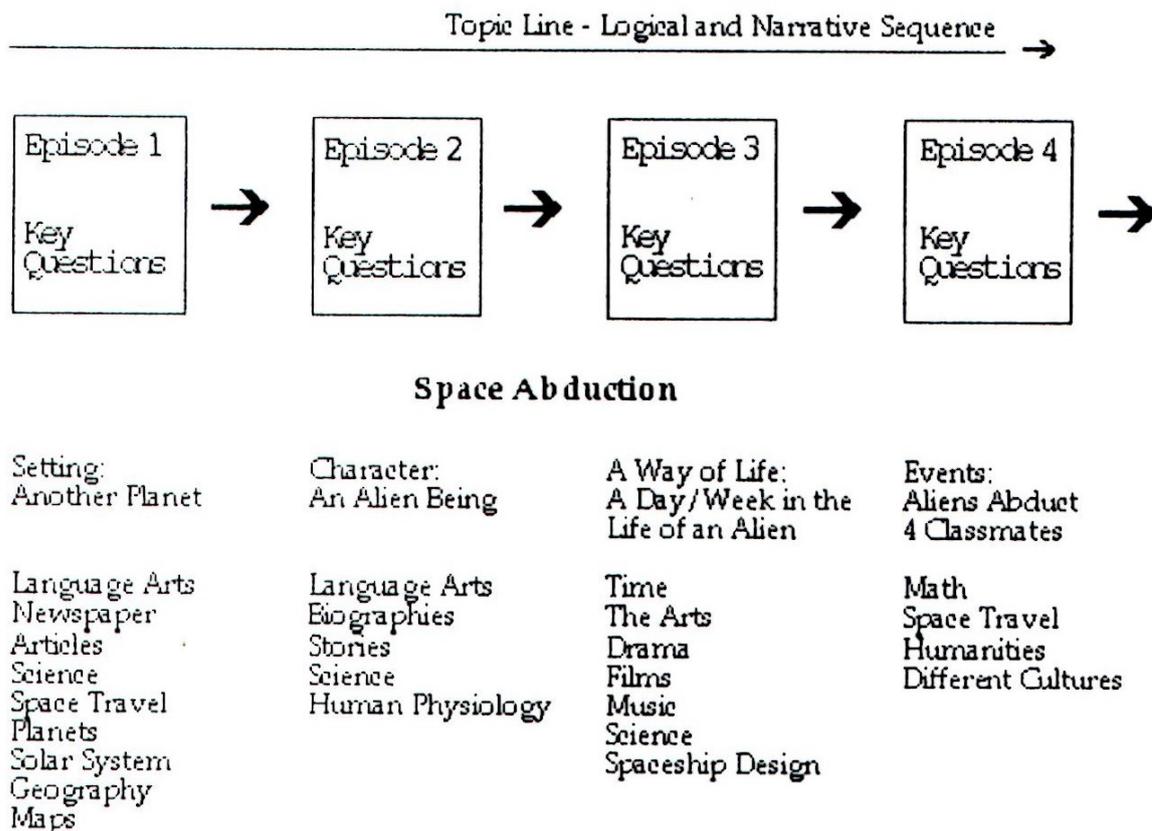


Figura 2: Modelo da Sequência da narrativa na Storyline (Brandford e Harder ,2006. p.20)

O elemento central da *Storyline* é a construção da narrativa e, segundo Barthes (1971):

“A narrativa está presente em todos os lugares, em todas as sociedades; não há, em parte alguma, povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos tem suas narrativas, e frequentemente estas narrativas são apreciadas por homens de cultura diferente, e mesmo oposta: a narrativa ridiculariza a boa e a má literatura: internacional, transhistórica, transcultural, a narrativa está aí, com a vida.” (BARTHES, 1971, p. 20)

A narrativa permite que as crianças enquanto atores sociais e autores de suas vidas, expressem sua cultura e linguagens próprias, falem de sua realidade, emoções, necessidades e interesses, se constituam como autores no processo de construção do conhecimento. Para compreender o universo das vozes infantis no contexto da *Storyline* e interpretar essas narrativas, faz-se

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

necessário observar as manifestações artísticas e culturais nas suas diversas formas e expressões:

“Quando as crianças criam *construções*, a escolha e utilização de objetos e materiais diversos simbolizam situações, elementos e espaços. Por exemplo, na construção de cidades, as crianças se expressam através de composições externas, imitando e reinterpretando a vida ao seu redor, revelando seus olhares. Ao mesmo tempo, e de forma inconsciente, a sua psique interna se transforma. As crianças poetizam o mundo e produzem narrativas, assim como também escrevem e contam das suas vidas com seus corpos.” (FRIEDMANN, 2006, p. 24)

A narrativa tem o poder de organizar a experiência do ser humano, influenciar sua imaginação (Bruner, 1978), pois o narrador descreve sobre aquilo que vivenciou ou testemunhou, sua experiência, mas também descreve sobre o que imaginou, sonhou ou desejou. Bruner (1978) argumenta que tanto a narrativa de um fato real como a de ficção são narradas da mesma forma, uma vez que “a primeira imita a segunda e vice-versa” (Bruner, 1978, p. 47). Nesta perspectiva, a utilização de uma abordagem narrativa para ensino de Línguas Adicionais, é um meio para *ouvir e dialogar* com as crianças e seus saberes.

Conclusões

Para Bakhtin (1997) todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua, por isso a importância da discussão sobre o lugar e a inserção da Língua Inglesa no currículo escolar, em relação às outras línguas estrangeiras e a outros saberes, bem como, às suas finalidades, à sua histórica instabilidade nos currículos, à indefinição do seu status e, conseqüentemente, a pouca importância que lhe é dada no sistema escolar brasileiro.

O processo de ensino e aprendizagem é complexo e depende dos diversos atores envolvidos na sua elaboração, não sendo uma abordagem/metodologia o único fator para que se alcance os objetivos de ensino e os resultados esperados da aprendizagem. A constante reflexão sobre a teoria e a prática é fundamental para que se estabeleçam espaços de contínua significação e ressignificação de conceitos e concepções.

A abordagem Storyline apresenta-se como alternativa pedagógica na (re)construção de um currículo emancipatório, proporcionado aos aprendizes de Língua Inglesa a reflexão, discussão e pesquisa no engajamento para resolver situações-problemas similares as da vida real. Esta abordagem implica no ensino e aprendizagem de uma Língua Estrangeira na construção de uma narrativa, possibilitando o desenvolvimento do pensamento crítico-reflexivo dos aprendizes, da autonomia e protagonismo no seu processo de aprendizagem.

Bibliografia

ALMEIDA FILHO, J. C. P. Dimensões comunicativas no ensino de línguas. 1ª ed., Campinas: Pontes, 2002.

_____, J. C. P. Dimensões Comunicativas no ensino de línguas. 5. ed. Campinas, SP: Pontes,

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

2008.

BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. Os gêneros do discurso. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARCELOS, A. M.; ABRAHÃO, M. H. V. (Orgs). Crenças e ensino de línguas: foco no professor, no aluno e na formação de professores. Campinas, SP: Pontes, 2006.

BARTHES, R. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1979.

BELL, S; HARKNESS, S; WHITE, G. (ed.): Storyline - Past, Present & Future. Glasgow (Enterprising Careers, University of Strathclyde) 2007.

BELL, S; HARKNESS, S. Storyline - Promoting Language Across the Curriculum. (UKLA Minibook series). Royston 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos. Brasília, Secretária da Educação Básica. Brasília, 2013. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15547-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf-1&Itemid=30192>. Acesso em 10 de maio de 2016.

_____. Ministério de Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf?sequence=3>>. Acesso em 20/04/2016.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

BRANDFORD, V; HARDER, K. The Storyline approach and CLIL. Young Learners Journal, 2006.

BRUNER, J.; trad. M. A. G. D. A Cultura da Educação. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CRESWELL, J. Creating Worlds, Constructing Meaning: The Scottish Storyline Method. Portsmouth, NH 1997

CAMERON, L. Children learning a foreign language from: Teaching languages to young learners. Cambridge University Press: Cambridge. 2001 Disponível em: <http://assets.cambridge.org/052177/3253/sample/0521773253WS.pdf>>. Acesso em: 05 mai. 2016.

FENHSE, K; KOCHER, D. Storyline projects in the foreign language classroom, 2002.

FRIEDMANN, Adriana. O Brincar no Cotidiano da Criança. São Paulo: Moderna, 2006.

GUIMARÃES, R. M. Planejamento CLIL por tarefas: integrando temas e língua para fins específicos na educação profissional. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada. Brasília, DF, 2015. 220f.

GOODSON, I. As políticas de currículo e de escolarização. Vozes, 2004.

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

LEFFA, V. J. O uso de dicionários on-line na compreensão de textos em língua estrangeira. In: VI CONGRESSO BRASILEIRO DE LINGUÍSTICA APLICADA. Belo Horizonte: UFMG, 7- 11 de outubro de 2001. p.39.

KING, K; MACKEY, A. The bilingual edge: why, when, and how to teach your child a second language. New York: Harper Collins, 2007.

KRASHEN, S.D. Principles and practice in second language acquisition. Nova York: Prentice-Hall International, 1987.

LENNENBERG, E. Biological foundations of language. Nova York: Wiley and Sons, 1967.

LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MOREIRA, A. F. B; SILVA, T. T. (Org.). Currículo, cultura e sociedade. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997
PACHLER, N; FIELD, K. Learn to teach Modern Foreign Languages in the Secondary School. Second Edition, London: Routledge Falmer, 2001.

RAJAGOPALAN, K. Por uma lingüística crítica: linguagem, identidade e questão ética. São Paulo: Parábola Editorial. 2003. P. 144.

RICHARDS; RODGERS. Approaches and Methods in Language Teaching. Second Edition. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

SANTOS, M. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. 13. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SANTOS, R. "Jogos de empresas" aplicados ao processo de ensino e aprendizagem de contabilidade. Revista Contabilidade & Finanças, 2003. p. 78-95.

SARMENTO, M.J. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. In: SARMENTO, M.J.; CERISARA, A.B. (Org.). Crianças e miúdos: perspectivas sócio-pedagógicas da infância e educação. Porto: Asa, 2004. p. 9-34.

SILVA, T. T. D. Documentos de Identidade; uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 3. ed. 2015.

VIGOTSKI, L. S. Pensamento e Linguagem. Tradução: Jefferson Luiz Camargo. 4ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

VGOSTY, L. S. Pensamento e Linguagem. 6.ed. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.